

---

## INTERAÇÃO E PERFORMATIVIDADE

---

### NAS FESTAS JUNINAS\*

---

DOI 10.18224/frag.v28i3.6675

SAMUEL RIBEIRO ZARATIM\*\*

*Resumo: este texto tem por finalidade fazer reflexões sobre a comunicabilidade nas realizações das festas juninas, a medida que os sentidos do festejar são alicerçados pelos rituais de interação e pelas performatividades dos brincantes na cultura popular. As festas possibilitam o envolvimento comunitário por meio das afetividades, participação e sociabilidades. Nesse contexto, essa análise será estruturada pela teoria interdisciplinar das performances culturais que representa um referencial teórico e metodológico capaz de abarcar a complexidade das experiências vividas pelos participantes das festas juninas. Os estudos das Performances Culturais implicam em envolvimento multidisciplinar, a medida que é capaz de agregar simultaneamente conceitos advindos da antropologia, do teatro, da sociologia, da filosofia, da dança, da música, das artes visuais e tantas outras áreas do conhecimento.*

*Palavras-chave: Performances Culturais. Ritual. Interação.*

**A**s festas juninas na atualidade apresentam modos peculiares na dinâmica de produção, bem como a circulação de elementos que as compõem enquanto modalidade festeira da cultura popular. Tais elementos, como a fogueira, as vestimentas, as quadrilhas, a música dentre outros, aqui entendidos como componentes da simbologia junina, conduzem essas festividades a uma ressignificação que, por sua vez, revela resultados que vão além do lúdico, como também valorizam ações que se constituem através do gerenciamento dos conteúdos da festa. Igualmente, o movimento junino através dos grupos, *performers*, instituições promotoras de eventos, poder público, federações juninas e outros participantes controlam os conteúdos juninos na atualidade no sentido de manter ou não elementos tradicionais que compõem os festejos de junho (ZARATIM, 2014; ALBERNAZ, 2004).

---

\* Recebido em: 07.09.2018. Aprovado em: 13.10.2018.

\*\* Mestre e doutorando em Performances Culturais no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. E-mail: zaratim@hotmail.com.

Tradicionalmente, a festa junina foi inserida no calendário popular como festa religiosa, à medida que, ao passar dos anos, a Igreja Católica assumiu grande parte dos símbolos, valores e rituais dos festejos de junho. Desse modo, “apesar do apelo religioso, essa festa popular alcançou as ruas, vinculando-se às quermesses e procissões, distanciando-se gradativamente dos rituais católicos e chegando a outros espaços sociais” (ZARATIM, 2014, p. 25). Assim, a festança junina tornou-se “um momento de socialização familiar e da comunidade. As ruas das cidades transformaram-se em espaços sociais festivos”. Por conseguinte, a festa junina é popularmente conhecida pela maneira alegre que é efetivada, utilizando-se da simbologia junina que lhe confere significado específico (CHIANCA, 2009).

A festa junina enquanto agrupamento social tende para a afirmação da concepção social do lazer, a partir da intencionalidade reproduzida pela sociabilidade do espaço festeiro. Mascarenhas (2005, p. 29), ao abordar a transição sofrida pelo lazer na sociedade contemporânea, afirma que “as manifestações de lazer e divertimento, bem como o arranjo espacial decorrente dessas práticas, permitem a formação de redes de sociabilidades que orientam a produção de determinadas territorialidades”. Nesse sentido, o clima festeiro provoca a disponibilidade do sujeito ao momento da diversão, à medida que no ambiente da cultura popular a participação social é expressada por meio das experiências lúdicas.

A festa para alguns é um momento para exercitar a comunicação pessoal; para outros, apresentam-se como oportunidades laborais. Segundo Rita Amaral (1998, p. 184), a festa representa “a possibilidade de renovar as relações, estabelecer contato com modos de vida diferentes, atualizar um repertório de comportamento”, bem como incentivar a integração de novos paradigmas para a continuidade dos afazeres festeiros. Nesta seara, é plausível destacar que o estabelecimento da comunicabilidade entre os brincantes, como também entre os agentes laboriosos da dinâmica de produção e todos os participantes da festa se dá por meio dos diálogos sociais.

Nesse sentido, é possível observar que os novos sentidos erigidos para o entendimento do fazer junino são alicerçados pela comunicabilidade dos brincantes. Ainda, Amaral (1998) considera que as festas são partes inabaláveis da civilização humana. Neste contexto, é oportuno vislumbrar o envolvimento das comunidades nas festas juninas, porquanto a construção sociocultural das localidades envolvem sentimentos de participação e sociabilidade.

É nesse movimento que este texto propõe fazer reflexões sobre os rituais de interação e suas performatividades nas realizações das festas juninas, pois estes se compõem através dos elementos responsáveis pela constituição e continuidade dos festejos de junho. O atributo dessa sustentação da tradição junina procura amparar sua preservação através do esforço dos envolvidos na tentativa de conservar suas características tradicionais ante o processo de resignificação.

Sendo assim, essa análise será estruturada pela teoria interdisciplinar das performances culturais que representa um referencial teórico metodológico capaz de abarcar a complexidade das atuais experiências vividas pelos participantes das festas juninas como um todo. Os estudos das Performances Culturais implicam em envolvimento multidisciplinar, a medida que é capaz de agregar simultaneamente conceitos advindos da antropologia, do teatro, da sociologia, da filosofia, da dança, da música, das artes visuais e tantas outras áreas do conhecimento (CAMARGO, 2013).

Nessa seara foi fundamental, desenvolver uma interpretação crítica a partir das reflexões advindas das proposições de sobre a teoria do corpo de David Le Breton (2009; 2012);

antropológicas propostas por Turner (2005; 2008), Peirano (2002), Geertz (2008) e Goffman (2002; 2011); elaborações sobre as festas populares e religiosas, festas juninas e cultura popular como as de Chianca (2007; 2009), Amaral (1998), e estudiosos das teorias das Performances Culturais como Schechner (2011; 2012) e Camargo (2013).

## O FESTEJO JUNINO E SUAS PRÁTICAS RITUAIS INTERACIONAIS

A vida social dos sujeitos é representada por meio das ações de ser, fazer, comportar-se e mostrar fazendo, pois são elementos que auxiliam na compreensão da representação do cotidiano, conforme nos alerta Schechner (2011). A prática cotidiana enaltece as experiências vividas por meio de sensações que constituem diversos significados experimentados pelas performatividades diárias. Josette Féral (2008) defende que o termo performatividade diz respeito à execução de uma ação que proporciona sentidos nas ações cênicas do performer. Fernandes (2011, p. 16) observa que em relação à performatividade, “seria ao mesmo tempo uma ferramenta teórica e um ponto de vista analítico, já que toda construção da realidade social tem potencial performativo”. Nesse sentido, é importante notar que as interações sociais são ações performativas em prol da efetivação da sociabilidade.

Nas festas juninas a performatividade é percebida nas experiências corporais dos brincantes que atribuem construções cênicas às suas falas, vestimentas e comportamentos, porquanto apresentam personagens construídas baseadas na ancestralidade da festa. Assim, é correto destacar que, nesta desestabilização do cotidiano, os festejos de junho incorporam as artes da cena em diversos elementos que os constituem. As experiências vividas – *erleben*<sup>1</sup> nestes festejos populares são compartilhadas por sujeitos que estabelecem as interações por meio das ações socioculturais e laborais nos festejos anuais das performances da cultura junina.

Sendo assim, para esta reflexão é importante considerar, nas ideias de Camargo (2013, p. 01), que a teoria das performances culturais visa “o entendimento das culturas através de seus produtos “culturais” em sua profusa diversidade, ou seja, como o homem as elabora, as experimenta, as percebe e se percebe, sua gênese, sua estrutura, suas contradições e seu vir-a-ser”. Adicionalmente, Bauman (2008, p. 03) define performances culturais como aquelas “ocasiões nas quais os significados e valores mais profundos de uma sociedade recebem forma simbólica” assim como “são corporificados, performados e exibidos perante uma audiência para contemplação, manipulação, intensificação ou experimentação”. Desse modo, observamos que as festas juninas corporificam símbolos e significados advindos de sua trajetória social, a qual codifica valores nas diversas formas de interação entre os brincantes juninos, além de refletir comportamentos subjetivos enquanto ação socializadora.

Este estudo considera como brincantes juninos todos os participantes das festas juninas. Dentre os brincantes juninos é oportuno destacar o *performer* junino, o qual é o agente da “difusão da cultura junina”; um “profissional atuante na transmissão da tradição popular em suas ações constituintes do cotidiano” (ZARATIM, 2014, p. 96). São os dançarinos das quadrilhas juninas de competição, os/as mestres da cultura junina, os/as fazedores(as) de bandeirolas, os/as cozinheiros(as), os/as agentes da cultura que constroem as performances culturais.

As performances culturais são profundamente reflexivas, na medida em que são formas culturais sobre a cultura, formas sociais sobre a sociedade; elas são memoráveis e

replicáveis, servindo assim como mecanismos de continuidade cultural; e são notavelmente eficazes em constituir públicos, disseminar conhecimento, elicitare comprometimentos e envolvimento participativos, levando as pessoas à ação, e mais (BAUMAN, 2008, p. 3).

Neste contexto, a continuidade cultural junina tem seus embasamentos na consciência coletiva, a qual viabiliza a absorção e integração dos brincantes que reformulam a estrutura cultural representada nos rituais e nas simbologias. Jean Langdon (2012, p. 20) adverte que “alguns autores introduziram a noção de performance, ou performance cultural, para expressar a multiplicidade de formas rituais que estrutura e permeia a vida”. É bem verdade que, como forma de entretenimento, as festas juninas promovem o processo de interação e socialização entre indivíduos e a própria coletividade. Como espaço interacional, os festejos juninos possibilitam a organização de relações sociais a partir de rituais situacionais e performatividades que o ambiente junino proporciona às pessoas.

Assim sendo, o processo que constitui os rituais dentro desta festa atua diretamente na efetividade da tradição, que aqui é compreendida como o agrupamento de pessoas, os saberes e os fazeres dessa modalidade da cultura popular realizados anualmente. Peirano (2002, p. 7) afiança que “em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais”. Por conseguinte, baseada nas ideias de Stanley Tambiah, a autora entende que o ritual é “um sistema de comunicação simbólica”, o qual “é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (PEIRANO, 2002, p. 9). Nesse sentido, os brincantes juninos criam valores durante a festa, assim como utilizam-se de narrativas para marcar seus comportamentos através das memórias em ação, as quais constituem um ritual.

Estas ações rituais proporcionam um sentimento de superação dos brincantes sobre os embates do cotidiano ao representarem novos papéis, à medida que “quando temporariamente se transformam ou expressam um outro, elas performam ações diferentes do que fazem na vida diária” (SCHECHNER, 2012, p. 50). Ao mesmo tempo, a festa é percebida pela continuidade das ações formadoras de sentimentos e valores através da reunião de pessoas e grupos, os quais estão envolvidos pela representatividade do festejo como fenômeno social. Brandão (2007, p.15) observa que dentro de uma festa “tudo que se faz são comportamentos sociais e simbólicos entre categorias de pessoas que a própria situação da festa redefine”. Sendo assim, “a ação de uma pessoa determina a ação de outra, o resultado é uma espécie de drama da vida cotidiana”, a qual supõe preparação e organização detalhada e cria estratégias para as transformações sociais por meio da interação.

Sobre interação, Goffman (2002, p. 23) infere que esta “pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros quando em presença física imediata”. O autor defende que “uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros”. Assim sendo, à medida que agimos em interação na sociedade, interpretamos constantemente o que queremos transmitir, interiorizando papéis e personagens – nesse caso voltados ao ambiente junino. Pensando em estabelecer uma interação com o outro, os integrantes das festividades juninas procuram, na observação, obter informações sobre os sujeitos para definirem seu comportamento ao longo da incidência comunicacional.

Goffman (2002, p. 29) constrói suas ideias numa perspectiva de representação teatral para retratar as relações interpessoais. É dentro dessas relações que observamos algumas

regras e rituais de socialização advindas das afinidades festivas e da convivência, mesmo que momentânea. O autor usa o termo “representação” para referir-se “a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Desse modo, o indivíduo – brincante junino – mantém-se continuamente em representação, assumindo personagens para teatralizar situações de interação social que a própria festa idealiza. Para Goffman (2002, p. 9):

[...] no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A platéia constitui um terceiro elemento da correlação. Elemento que é essencial, e que entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Na vida real, os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia.

Assim, a plateia encara o plano da vivência individual que, conseqüentemente, emerge um sentimento de agregação coletiva que passa por uma intermediação social a ser estabelecida por meio da representação. Conforme a ocasião da representação, dentro da festa junina é possível observar a ocorrência de diversas formas de interação social. Estas representações são constantes nos grupos sociais, pois “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” baseia-se na sua interação no contexto social (GOFFMAN, 2002, p. 29). Assim mesmo, caso se conheça os sujeitos da interação, também serão observados os comportamentos relacionados ao tempo e ao lugar para que as emoções e as crenças possam fluir na comunicação inter-geracional.

É bem verdade que as afetividades auxiliam na constituição das interações sociais e estão presentes em variadas situações. As afetividades fazem parte das interações sociais. Contudo, o foco deste texto incide sobre o contexto social junino à medida que o sentimento de socialização reflete as condutas pessoais dos participantes. Não obstante, é bem verdade, também, que ao analisar as afetividades presentes em um momento festivo observa-se a continuidade dos processos sociais da vida cotidiana e a construção de coletividades.

O espaço junino dispõe de sentimentos experimentados de maneiras diversificadas por seus participantes, à medida que os sujeitos apresentam-se a partir de experiências baseadas nas temporalidades e espacialidades subjetivas. Le Breton (2009) defende que o vínculo social tem relação direta com a afetividade, pois acredita que a razão e a emoção fazem parte da constituição do individual e do coletivo.

Desse modo, é possível pensar que nas festas juninas o sentido e o significado deste agrupamento festeiro determinam sentimentos de sociabilidade a partir das interações e representações. Igualmente, a representação por parte dos brincantes juninos no ambiente festeiro revela expressões normatizadas pelo próprio meio social. Melhor dizendo, o corpo, o gesto e as expressividades, juntamente com a presença do outro, são elementos que compõem os rituais de interação aqui propostos, conforme perspectiva face a face e teatral idealizada por Goffman (2002).

Nesse contexto, Goffmann (2002) analisa os elementos componentes dos rituais que integram a interação social face a face à medida que os atores sociais atribuem esforços para manter atitudes e ações coerentes, segundo preceitos sociais, na presença de outros sujeitos. Desse modo, os comportamentos sustentados nas interações festeiras juninas supõem a

expressão dos significados dos atos verbais e não verbais dos participantes da interação social. Assim, os brincantes buscam angariar o valor positivo de suas ações como produto da vida social. Igualmente, é prudente pensar que os brincantes juninos seguem regras de condutas socialmente construídas, às quais podem ser preservadas ou rompidas por situações criadas durante a interação entre indivíduos.

Os elementos que constituem as festas juninas, entendidos como símbolos comunicacionais, representam o próprio sistema social no sentido de representarem as obrigações e envoltimentos dos indivíduos. Nesse sentido, a interação social em um festejo como este será composta por condutas espontâneas pertencentes à dinâmica da própria festa, bem como através do comportamento coletivo relacionado à revitalização dos vínculos que afixam a vida em sociedade.

A interação espontânea deve ser considerada como importante meio para o aprimoramento do processo de socialização dos brincantes juninos, os quais adquirem percepção da veracidade do fato social constituído nas performances culturais desse folguedo. Contudo, não podemos deixar de descartar as condutas contrárias ao movimento junino, advindas de processos constituintes do sistema social instituídas por sujeitos desfavoráveis à realização da festa.

Este texto considera como condutas contrárias ao movimento junino às ações, crenças e suposições sociais, construídas a partir da não aceitação da festa junina, assim como das ressignificações sofridas pelos elementos que a compõem. Melhor dizendo, há certa rejeição por parte de grupos sociais em relação às comemorações inerentes à festa, assim como alguns defensores da tradição folclórica cristalizada no passado não admitem o processo de espetacularização das festas juninas. Neste contexto, Amaral (1998) defende que as festas são fenômenos que estabelecem a mediação de dois sentidos: ou o que é considerado insalubre é destruído; ou se reafirma os valores constitutivos dos festejos. Sendo assim, é possível observar em alguns estudos a categorização elaborada em torno da temática junina, a qual engloba pressupostos econômicos, políticos, religiosos e sociais defendidos ou contestados pela sociedade.

Estas condutas, ditas contrárias às festas juninas, provocam o distanciamento da finalidade da festa – a socialização – direcionando as atenções dos brincantes para fora da situação festiva, comprometendo o envolvimento dos sujeitos nos rituais de interação. Assim mesmo, as ações expressivas dos brincantes juninos se aderem aos comportamentos simbólicos da festividade e procuram, mesmo que involuntariamente, enfatizar a importância da apreensão socializadora do ritual de interação.

O ritual, nesse caso, está repleto de elementos expressivos e simbólicos à medida que seu propósito está inserido na ação humana. Le Breton (2009, p. 146) postula que “os rituais sociais definem implicitamente o campo turbulento dos limites simbólicos da emoção e de suas manifestações”, pois ao apresentar-se a um grupo social, o sujeito sustenta-se sobre princípios individuais e coletivos alicerçados pela especificidade do momento.

Assim, a prática ritual procura dizer alguma coisa, uma vez que ocorre num contexto cultural já definido pela sua constituição social que acolhe conhecimentos múltiplos sobre sua dimensão expressiva. Expressar-se num contexto junino compõe um comportamento simbólico (Geertz, 2008), presente na amplitude das representações sociais enunciadas nos atos ritualizados pelos sujeitos. Nessa perspectiva, a particularidade da festa popular junina advém da articulação dos múltiplos significados sociais supostos pela inter-relação entre os indivíduos, os quais transcendem os domínios da sociedade.

Esta superação requer expressividade do seu vir a crer nos processos rituais e alia-se à produção de valores que se relacionam com a realidade do meio festeiro. Nas ideias de Goffman (2011, p. 9), o ritual de interação nas festas juninas agrega as relações sociais e comportamentos simbólicos, os quais se constituem através das “olhadelas, gestos, posicionamento e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não”. Estes são elementos comportamentais repletos de significados que reforçam os relacionamentos constantes entre os indivíduos, pois envolvem expectativas sobre as ações dos outros, assim como têm a possibilidade de modificar as condições associativas dos indivíduos.

Os festejos juninos apresentam interações sociais entre seus participantes através das experiências vividas alicerçadas nos rituais, nos elementos da festa e nas estruturas sociais. Considerando as ideias de Peirano (2002), os rituais são possibilidades de estratégia analítica de uma festa, fonte de dados para a análise desse objeto. A análise da ação ritual é fator indispensável para pensar sobre a experiência vivida pelos brincantes juninos, pois possibilita o entendimento da multiplicidade da dinâmica desse festejo – resultado da combinação de diversos símbolos e constituição do espetacular.

Atualmente, a simbologia ressignificada na festa junina continua sendo composta por elementos visuais ligados a valores e sentidos próprios do festejo. Desse modo, a festa junina solicita uma compreensão sobre a transmissão de informações recíprocas no ambiente festeiro por meio das narrativas. Essas informações combinam experiências representativas e elementos específicos para estruturar a ação de cada brincante baseada nos rituais de interação através das oralidades, causos, crenças, estímulos visuais ajustados na decoração, vestimentas e performances individuais.

Para Schechner (2012, p. 19), as performances “[...] são usualmente subjuntivas, liminares e perigosas” no sentido de transparecer que são, “com frequência, duplamente cercadas por convenções e molduras”, produzindo os “limites do fazer-criar”. Assim, as performances das festas juninas difundem suas ações por meio de práticas sociais experimentadas em diversas situações que tornam o prazer da socialização essencial na representação da ilusão. As ações do cotidiano são completadas pela teatralidade invocada nos gestos, nas falas, nas vestimentas, nos estereótipos, nas danças e em várias atitudes oportunizadas pela realização da festa.

Há, na prática junina, uma encenação da resolução de dramas sociais que, por sua vez, encaram uma variação de como as diversas plateias recebem a mensagem. Turner (2008, p. 31) afirma que os dramas sociais “representam sequências de eventos sociais” a partir de vivências subjetivas, afetivas e cognitivas que despontam como conflitos da estrutura social e suas narrativas. Segundo Schechner (2012, p. 19), “não só as narrativas, mas também as ações corporais dramáticas expressam crises, separações e conflitos”, reverberando a realidade social dos brincantes juninos. Nesse sentido, as encenações performáticas dos brincantes juninos nas festas juninas compõem a ritualização de gestos e caracterizam os comportamentos estilizados.

É bem verdade que algumas peculiaridades sociais são compartilhadas pelas localidades, ou seja, são próprias das comunidades e apenas os brincantes locais têm conhecimento. Contudo, outras formas de interação social estão inseridas em gestos e brincadeiras identificadoras de ações interacionais, tais como: as brincadeiras realizadas; o formato das fogueiras para cada santo junino; o compadrio; os comes e bebes típicos relacionados com o festejo geral e local; as vestimentas; além das composturas e estereótipos a serem performatizados.

Retomando os pressupostos de Goffman (2011) sobre o ritual de interação, a análise do ambiente junino em torno das convergências relacionais é possível a partir da comunicabilidade que os brincantes juninos estão dispostos a dispensarem a esta atividade social. A prática comunicacional entre os brincantes é realizada pela circulação de conteúdos relacionados ao festejo, o qual reproduz um processo pautado na criatividade e nas ações participativas. Dessa forma, a circulação dos sentidos comunicacionais configura um contato contínuo entre os participantes da festa, além do compartilhamento de sensações e valores afetivos. A convivência gera a sensação de participação e dissemina a noção de compartilhamento dos conteúdos culturais, bem como o agenciamento da fachada.

Sobre a noção de fachada, Goffman (2002) postula que quando entramos em contato com o outro, ações são construídas com intuito de expressar posicionamentos individuais frente às diversas situações do cotidiano. Desse modo, é prudente pensar que a lógica comunicacional da fachada nas festas juninas é produzida pela busca favorável do comportamento face a face dos brincantes juninos, uma vez que é erigida por valores sociais positivos a fim de receber aceitação favorável dentro da coletividade festeira.

Para Goffman (2011, p. 14), “são as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas”. Nesse sentido, a fachada construída diante dos brincantes juninos está diretamente relacionada à tentativa de aprovação da imagem apresentada nos festejos juninos. Não obstante, essa imagem pode ser ressignificada, à medida que os significados transmitidos através da imagem construída não se estabelecem no contexto festeiro. Ou seja, a fachada enquanto simbologia junina traduz visões interiorizadas dos papéis sociais convencionalmente atribuídos ao comportamento festeiro da festa junina. Acontece que, a maneira como os elementos juninos são figurados, ou mesmo o modo como são utilizados para que sua simbologia possa ser compreendida, passa pelo processo de ressignificação da festa. Nesse sentido, novos e variados modos de apresentação da fachada são instituídos a cada ciclo junino<sup>2</sup>.

Assim, é possível vislumbrar a festa como espaço permissivo para a construção de experiências relacionais que, por sua vez, toleram valores e normas abolidas no cotidiano. De fato, percebe-se, nas festas juninas, a aparição de várias personagens relacionadas aos padrões tradicionais da festa, que na sua maioria caracterizam o “caipira”<sup>3</sup>, as personagens que fazem alusão às vaquejadas ou conforme a criatividade festeira permite.

A permissividade atribuída à festa, ou aos estereótipos do matuto, simboliza a sociedade rural que permite procedimentos simplórios para a aproximação entre pessoas. Os participantes apropriam-se do clima festivo e suas aparições vão tomando vulto ao ajustarem-se aos elementos constitutivos dos rituais de interação. As posturas assumidas no ambiente festeiro colocam em destaque os próprios sujeitos ou as exposições de personagens à medida que todos se utilizam de ações corporais para o momento da interação.

Independente da temática da festa, um olhar inicial é um meio pelo qual os sujeitos utilizam-se para aconchegar-se de outras pessoas. As olhadelas têm seus significados em todo o lugar, e no ambiente junino não seria diferente; podem se relacionar com as interações face a face, a partir dos galanteios e de outras formas de expressão afetiva: a censura por exemplo. Entretanto, consideremos o teor alegre e festivo que a cultura junina nos congratula na sua prática. Uma olhadela descaracteriza o olhar comum, porquanto há de se considerar que cada sujeito pretende oferecer significados comunicacionais exatos quando utiliza desse sentido da visão para endereçar-se a outrem.

Estas podem ser consideradas trocas comunicativas em situações de interações ritualísticas sociais nas festas juninas, em razão de que fazem os brincantes juninos exercitarem ininterruptamente a experiência da observação. Le Breton (2009, p. 215) defende que “o olhar toca o outro e este contato está longe de passar despercebido no imaginário social”, uma vez que a simbologia do olhar “exerce força sobre o olhar alheio”. A maneira de olhar poderá retratar as relações de poder do olhar, assim como sua dimensão afetiva, porquanto diversas expressões são feitas possíveis por meio da troca de olhares.

Para além dos gestos e comunicações corporais, as vestimentas e os adereços usados pelos brincantes juninos fazem parte dos elementos constitutivos do ritual de interação, uma vez que auxiliam na estruturação temática da festa. Nesse caso, a fachada construída é formada pelas gestualidades agregadas às indumentárias que compõem a personagem junina. Ademais, é possível observar que a forma como a vestimenta do brincante é apresentada, tradicional ou não, abre espaço para uma aproximação e interação. A representação tradicional pelas vestimentas das personagens juninas, de maneira geral, consiste em vestidos longos, coloridos, floridos e bordados para as mulheres e camisas listradas ou xadrez, calça remendadas, botinas e chapéu para os homens (ZARATIM, 2014; CHIANCA, 2007).

É possível considerar as vestimentas como ferramenta comunicacional, pois refletem a linguagem festeira em questão. O compartilhamento de ideias referentes ao modo de se vestir em uma festa junina não fixa exatamente padrões dominantes, mas costumes enaltecidos pelas temporalidades e espacialidades da festa. As roupas juninas fazem parte de uma mensagem simbólica que reflete valores e estilos conforme sua intencionalidade. Para as festas com temática matuta, os valores apresentados serão estereotipados procurando consumir representações de simplicidade. É bem verdade que o apelo matuto da vestimenta junina traz um sentido jocoso ao representar o indivíduo e sua ruralidade. Assim:

a vestimenta é simples, com tecidos de pouca qualidade e, no caso dos cavalheiros, está sempre cheias de remendos. Essa é uma visão urbana sobre os matutos, que denota a pobreza do homem do campo e suas privações. É bem verdade que, mesmo no meio rural, as pessoas gostariam de ir às festas com suas melhores roupas. Porém, as caricaturas das quadrilhas juninas tradicionais/matutas apresentam roupas femininas cheias de babados e saias compridas em cores vivas e muitas vezes de mau gosto. O vestido da noiva é mais apurado em tecidos e rendas brancas, com véu e grinalda. O homem já não tem tanta variação no seu traje. Este é composto por calça modelo pega marreco, cheia de remendos de restos de tecidos, e camisa xadrez, colorida, quadriculada e/ou remendada. Usam botinas com meias furadas e chapéu de palha (ZARATIM, 2014, p. 38).

Desse modo, a caracterização de uma personagem matuta para a festa junina promove a construção da fachada para a interação entre os brincantes. Assim mesmo, a identificação das personagens pelos brincantes por meio das vestimentas matutas testifica esse cenário festivo como ambiente social junino. Sendo assim, é correto observar que a própria comunidade cria “estratégias de socialização” para aprimorar ações interacionais através das brincadeiras, as quais “se apresentam como oportunidades para amigos e vizinhos apreciarem momentos de lazer e diversão” (ZARATIM, 2014, p. 39).

Contudo, para as festas sem uma temática definida ou para os certames juninos, a predileção será pela transmissão de mensagens diversas com apelos subjetivos e para o luxo, respectivamente. Mais ainda, “gradativamente, os brincantes abandonaram os vestidos de chita e as roupas remendadas, assim como os chapéus de palhas foram deixados de lado, sendo substituídos pelos chapéus de couro” (ZARATIM, 2014, p. 52). É bem verdade que a

comunicabilidade promovida pelas vestimentas nas festas juninas sustenta uma propriedade institucional da própria festa.

Outrossim, essa festa da cultura popular brasileira é promovida por admiradores de várias localidades, os quais idealizam atividades que favorecem o envolvimento dos brincantes na sua realização. São brincadeiras<sup>4</sup> que provocam o imaginário, assim como estabelecem vínculos sociais, à medida que ajustam aos momentos festeiros para enaltecer a coletividade. A experiência lúdica na festa junina desenvolve princípios de solidariedade e abre espaço para a interação entre pessoas.

Os atos de alegria e entretenimento estimulados pela festa expressam a ludicidade do ambiente, o qual potencializa o surgimento de novos sentidos para o processo de aproximação entre pessoas. Desse modo, é possível observar que as brincadeiras juninas são reconhecidas como ações espontâneas dos brincantes, ao mesmo tempo em que provocam divertimento e auxiliam no distanciamento do cotidiano (HUIZINGA, 2001).

Alguns fatores são relevantes para a análise das aproximações pessoais no ambiente junino. As atividades lúdicas que reverenciam a cooperação instigam atitudes diferenciadas do cotidiano e são pautadas pela necessidade de aperfeiçoamento das capacidades subjetivas para relacionar-se com o outro. As ações compartilhadas nas brincadeiras permitem a transformação de costumes festeiros, porquanto aproximam comportamentos positivos para a ocasião da sua prática. É bem possível que tais comportamentos podem ser propagados subsequentemente, no cotidiano.

Desse modo, admite-se então que as performatividades dos brincantes nas festas juninas são pautadas na eficácia performática. A expressão eficácia performática é aqui compreendida como a ação que se origina e se estabelece por meio da efetividade do fazer-criar, uma vez que requer eficiência, segurança, utilidade e competência das corporalidades dos sujeitos em ato de representação cênica. A ficção e a realidade são entrelaçadas pela ordem das aparências construídas por cada indivíduo para estabelecer suas interações no meio festeiro.

Essa premissa desmistifica o ato de enganar que as aparências professam nos dizeres populares. Assim, Viveiros de Castro<sup>5</sup> (2002, p. 397) nos alerta que “as aparências enganam porque nunca se pode estar certo sobre qual é o ponto de vista dominante, isto é, que mundo está em vigor quando se interage com outrem”. As percepções são diversificadas pelas subjetividades criadas pelos brincantes, as quais são constituídas nas performatividades da cultura junina. A diversidade de aparências nas sociabilidades solicita um modo específico de conhecer e personificar papéis sociais, à medida que se pretende representar um outro sujeito a fim de provocar um ambiente interacional.

Assim sendo, é possível observar que a preservação dos conteúdos juninos advém de expressões e ações rituais. Estes conteúdos juninos podem ser verificados como efeito da aprovação da dinâmica social, a qual reivindica implicações performáticas que resultem em novos significados. São processos socializadores transportados pela ação lúdica dos festejos, os quais determinam os rituais de interação. Sendo assim, os rituais de interação constituem-se a partir das experiências vividas e compartilhadas pelos sujeitos por meio de ações simbólicas, socio-culturais e laborais, baseadas em narrativas que assinalam comportamentos e criam valores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procura discutir como as interações são realizadas nas festas juninas na atualidade, considerando os entendimentos sobre rituais sociais. As festas juninas são re-

alizações socioculturais praticadas em tempo e espaços específicos que demonstram diversas realidades sociais, mas que cultuam características semelhantes nos ambientes culturais.

A experiência junina pratica a expressão das emoções individuais nas relações socioculturais estabelecidas pelo ambiente festeiro. Desse modo, a configuração das relações, assim como as interações sociais nas festas, vincula-se ao sentimento de identificação com a cultura local. Os brincantes, entendidos como sujeitos produtivos e produtores de performances da cultura, necessitam de práticas sociais dissociadas do cotidiano para apreciar a liberdade plena de sentimento.

O ambiente festeiro junino constitui-se em um sistema facilitador de processos interacionais, pois há uma eliminação parcial e temporária da normatização apregoada pela vida cotidiana com predominância do divertimento direcionado ao lazer festivo. Assim mesmo, é importante observar que a supressão momentânea de normatizações laborais é direcionada para aqueles que participam do lazer festivo como brincantes. A festa junina é também ambiente laboral para outros, pois considerando a noção de utilidade são economicamente produtivas no contexto cultural.

Entender as relações sociais implica em analisar os encontros face a face, as interações e as aparências apresentadas pelos sujeitos sociais. As expectativas pessoais são integradas aos rituais de interações por meio de protocolos sociais de saudações iniciais e finais, os quais demonstram como os sujeitos são apresentados uns aos outros. Desse modo, é possível entender que os contatos interacionais nas festas juninas promovem transformações nas práticas culturais à medida que a comunicabilidade está atrelada ao processo de ressignificação.

É certo que a mídia tem papel fundamental nos novos sentidos e significados das festas juninas, em razão de fomentar aspirações coletivas de divertimento. Nesse sentido, o diferente e o espetacular tomam vulto nas divulgações, enaltecendo a necessidade de inovações e reestruturação de significados, conforme a dinâmica social solicita.

Ao acompanhar os festejos juninos, é possível verificar que a ressignificação da festa é requisito primordial para sua continuidade, uma vez que os espaços utilizados para a sua realização demonstram transformações nas sociabilidades festivas. Estes espaços também são reforçados pelas performatividades dos brincantes juninos que experimentam novidades no aspecto interacional. As experiências vividas pelos brincantes juninos esboçam o fortalecimento do fazer-crer junino em um contexto de transformação da tradição por meio da reprodução inovadora das formas culturais.

## INTERACTION AND PERFORMANCE IN JUNIOR FESTIVALS

*Abstract: the purpose of this text is to make reflections on the communicability in the achievements of the June festivals, as the senses of celebration are based on the rituals of interaction and the performativity of the students in popular culture. The parties allow for community involvement through affectivity, participation and sociability. In this context, this analysis will be structured by the interdisciplinary theory of cultural performances that represents a theoretical and methodological framework capable of embracing the complexity of the experiences lived by the participants of the June festivities. Cultural Performances studies imply multidisciplinary involvement, as it is capable of simultaneously adding concepts derived from anthropology, theater, sociology, philosophy, dance, music, the visual arts and many other areas of knowledge.*

*Keywords: Cultural Performances. Ritual. Interaction*

## Notas

- 1 Termo escrito em alemão desenvolvido por Walter Benjamin (1996, pg. 103 - 105). O autor utiliza *Erlebnis* para definir a estrutura de uma vivência, a qual é fixada na memória. Nesta seara Benjamin também emprega o termo *Erfahrung* para designar a experiência como objeto da tradição.
- 2 O ciclo junino vai além do mês de junho, pois as entidades envolvidas com o processo de preparação da festa desenvolvem ações relacionadas ao festejo que é dividido em diferentes etapas. Assim, os grupos, paróquias, associações de bairros, poder público, etc, iniciam seus trabalhos no mês de setembro, destinados ao planejamento da próxima temporada festeira (ZARATIM, 2014).
- 3 Segundo Cascudo (2002, p. 233), o termo caipira faz referência ao “homem ou mulher que não mora na povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público”. Entretanto, pensando nas ressignificações da festa, a jocosidade atribuída a esta personagem do mundo junino tem diminuído e suas características são renovadas ou readaptadas para novos tipos.
- 4 Dentre as diversas brincadeiras juninas que promovem a interação entre os brincantes da festa juninas destacamos: as quadrilhas juninas, o pau de sebo, o correio elegante, o pula fogueira, a cadeia, o derruba latas, a corrida de milho, o bingo, a pescaria, e várias outras brincadeiras que variam, conforme a região onde são realizadas (CHIANCA, 2009).
- 5 Eduardo Viveiros de Castro (2002), ao elaborar pressupostos a partir da cosmologia ameríndia, nos direciona a entender a perspectiva da subjetividade, ou seja, a relação entre sujeitos, mesmo quando as espécies são dessemelhantes.

## Referencias

- ALBERNAZ, Lady Selma. *O Urrou do boi em Atenas: instituições, experiências e influências culturais e identidade no Maranhão*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.
- AMARAL, Rita de Cássia de M. P. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que não é sério*. Tese (Doutorado do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BAUMAN, Richard. A poética do mercado público: gritos de vencedores no México e em Cuba. In: BAUMAN, Richard. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.
- CAMARGO, Robson Corrêa de. *Performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise*. Goiânia: Ed. da UFG, 2013.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ilustr. São Paulo: Global, 2002.
- CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. *Sociedade e cultura*, Goiânia, v. 10, n.1, p. 45-59, jan./jun. 2007.
- CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. *Revista História da Biblioteca Nacional*, n. 45, 2009.
- FERÁL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. *Sala Preta, Brasil*, v. 8, p. 197-210, nov. 2008. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>>. Acesso em: 30 mayo 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p197-210>.

- FERNANDES, Sílvia. Teatralidade e performatividade na cena contemporânea. *Repertório*, Salvador, nº 16, p.11-23, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LANGDON, Esther Jean. Rito como conceito-chave para a compreensão de processos sociais. In: LANGDON, Esther Jean; PEREIRA, Éverton Luís (Orgs.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de Antropologia, 2012. p. 17-22.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 4.ed. Campinas, SP: Papi-rus, 2009.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MASCARENHAS, Fernando. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese (Doutorado da Faculdade de Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2002.
- SCHECHNER, Richard. *Performers e Espectadores: Transportados e Transformados* In Revista Moringa Artes do Espetáculo. Vol2. N1 (2011).
- SCHECHNER, Richard. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspetos do ritual Ndembu*. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, RJ: Eduff, 2005.
- TURNER, V. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: Eduff, 2008.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- ZARATIM, Samuel Ribeiro. *Quadrilhas juninas em Goiânia: novos sentidos e significados*. Dissertação (Mestrado da EMAC) – UFG, Goiânia, 2014.